

Fim-de-Semana



ISILDA GONÇALVES

“Não estou a pensar nos pormenores de um casamento”

Diz o adágio popular que ao lado de um grande homem sempre há uma grande mulher. Isilda Gonçalves é a nossa convidada e descreveu-nos, ao pormenor, a sua relação afectiva com o músico e compositor Eduardo Paim, o “general Kambuengo”, além de traçar a sua perspectiva de vida para 2018. Falou-nos ainda da sua paixão pelo jornalismo.

Horóscopo



CARNEIRO de 21/03 a 20/04

Nesta semana a tranquilidade vai instalar-se no seu coração. Um novo amor poderá surgir anunciando-se de alguma forma duradouro e de acordo com todas as suas expectativas neste campo. Viva a felicidade destes dias.



TOURO de 21/04 a 20/05

Nesta semana, se a sua relação estiver em situação de desgaste e não quiser mais investir nela, é hora de quebrar amarras e decidir um novo rumo para a sua vida. Antes de tomar essa decisão, reflecta o suficiente para não sofrer a dor do arrependimento.



GÉMEOS de 21/05 a 20/06

Nesta semana a sua curiosidade vai levá-lo a tomar uma atitude de maior introspecção. Com essa reacção poderá decidir correctamente o seu futuro amoroso. Não tome em consideração os conselhos de terceiros, aja de acordo com o que pensa e sente.



CARANGUEJO de 21/06 a 21/07

Nesta semana deverá esperar melhores dias para tomar decisões importantes nesta área. Se está no início de uma relação e esta não decorre como deseja, será melhor terminar. Se a sua relação é mais longa, esqueça os momentos negros e invista nela o mais possível.



LEÃO de 22/07 a 22/08

Nesta semana a sua vida afectiva toma uma nova e diferente dimensão. É imprescindível que se liberte de todos e preconceitos e tabus e se lance nos braços do amor. De uma forma geral todos os nativos estão protegidos nas suas relações.



VIRGEM de 23/08 a 22/09

Nesta semana a família será a sua maior preocupação. Pare e dê-se algum tempo para dialogar com os seus filhos e com eles estabelecer alguns objectivos. Se possui parentes de avançada idade deverá dispensar alguma atenção e cuidado.



BALANÇA de 23/09 a 22/10

Nesta semana sentirá um forte apoio por parte dos seus familiares mais chegados e pelo seu parceiro amoroso. Perante as adversidades, eles serão a coluna de suporte com que pode contar, criando e reforçando todo um sentimento de felicidade no seu íntimo.



ESCORPIÃO de 23/10 a 21/11

Nesta semana poderá ser surpreendido por uma paixão avassaladora que dará uma nota muito positiva à sua vida. Se tem uma relação estável, conte com fortes manifestações de afecto e ternura que o transportam a um estado profundo de felicidade.



SAGITÁRIO de 22/11 a 21/12

Nesta semana alguns conflitos podem surgir. Poderá sofrer acusações infundadas e deve acalmar-se para ter energia para as combater. Separe os seus sentimentos da vida material. Avalie se vale a pena continuar uma relação iniciada recentemente.



CAPRICÓRNIO de 22/12 a 20/01

Nesta semana os astros não estão favoráveis. Não se manifeste, tome uma atitude extremamente discreta. O seu nervosismo pode levá-lo a discussões inúteis e sem fundamento. Reflecta sobre os sentimentos que os outros possam nutrir por si.



AQUÁRIO de 21/01 a 19/02

Nesta semana conseguirá ultrapassar alguns desentendimentos no círculo familiar. Tenderá para tomar acções harmoniosas e concertadas. Resolva todos os assuntos relativos à sua relação em privado e de forma alguma os exponha em público.



PEIXES de 20/02 a 20/03

Nesta semana viverá dias cheios de entusiasmo voltados para o futuro de forma aberta e positiva. Arregace as mangas e aproveite toda essa energia para construir o seu futuro. Ponha em evidência a sua sensualidade ao iniciar uma nova relação amorosa.

Angola



Município é potencialmente agrícola

Mussende

Mussende é um município da província do Cuanza-Sul, que ascendeu à categoria de município em 13 de Dezembro de 1965. É ligado por uma via até ao município da Quibala e outra até à província de Malanje. Tem duas comunas - São Lucas e Quienha - e uma população estimada em 76.284 habitantes que se dedica, essencialmente, à agricultura e à criação de gado. As principais culturas são milho, feijão, batata-doce e rena e café.

É limitado a norte pela província de Malanje, a sul pela província do Bié e a leste pelo município da Quibala.

Fazem anos esta semana



Albino Malungo

Albino Malungo nasceu a 13 de Dezembro de 1955. É natural de Lunge, província do Huambo. Do seu invejável curriculum académico consta a formação e especialização em Direito Internacional Público e em Diplomacia no Instituto de Altos Estudos Internacionais da Universidade de Genebra, Oxford e JF Kennedy Scholl of Government de Harvard University. Albino Malungo é actualmente Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário de Angola na Coreia do Sul.

Victor Moses

Victor Moses nasceu em Kaduna, a 12 de Dezembro de 1990. O futebolista nigeriano actua como médio na equipa do Chelsea FC. Revelado pelo Crystal Palace, Moses conquistou grande destaque durante a temporada 2011/2012 da Premier League, quando marcou seis golos e deu seis assistências, actuando pelo modesto Wigan Athletic.



Adriana Alves

Adriana Alves nasceu em São Paulo, a 12 de Dezembro de 1976. A actriz e ex-modelo brasileira começou a sua carreira na novela da Rede Record Turma do Gueto e depois transferiu-se para a Rede Globo, onde actuou em Celebridade, Como uma Onda e Duas Caras.

Jamie Foxx

Jamie Foxx, nome artístico de Eric Marlon Bishop, nasceu em Terrell, a 13 de Dezembro de 1967. O actor, argumentista, produtor de cinema, comediante e músico norte-americano é conhecido principalmente por actuar como Ray Charles no filme musical Ray, papel que lhe rendeu o Óscar de melhor actor, e como Django no filme Django Livre, de Quentin Tarantino.



Saiba

François Quesnay

François Quesnay foi um economista francês que se destacou como principal figura da escola dos fisiocratas. Era filho de agricultores e, devido à situação em que viveu, destaca a agricultura como sendo a fonte de riquezas da nação, conceito contrário ao mercantilismo inglês que primava pelo desenvolvimento da indústria e do comércio exterior. Como a França estava atrasada em relação à Inglaterra, sem possuir forte indústria, comércio exterior desenvolvido e uma frota marítima competitiva, a solução passava por estruturar o Estado francês na agricultura. Surge então um modelo de fluxos que aponta a realidade através de um sistema que detinha as classes produtiva, proprietária e estéril.

Robinson Crusoe

Robinson Crusoe é um romance escrito por Daniel Defoe e publicado originalmente em 1719 no Reino Unido. Epistolar, confessional e didáctico no seu tom, a obra é a autobiografia fictícia do personagem-título, um náufrago que passou 28 anos numa remota ilha tropical próxima de Trinidad, encontrando canibais, cativos e revoltosos antes de ser resgatado. O livro foi originalmente publicado na forma de folhetins no jornal "The Daily Post", sendo o primeiro romance-folhetim.

A ilha Robinson Crusoe

A ilha Robinson Crusoe é a maior ilha do arquipélago Juan Fernández, com 96,4 km² de área, situada ao largo da costa chilena do Oceano Pacífico. Foi primeiramente designada Santa Cecilia pelo seu descobridor, o capitão espanhol que ali chegou oficialmente a 22 de Novembro de 1574. Foi nesta ilha que o marinheiro escocês Alexander Selkirk permaneceu solitário por mais de quatro anos. Os relatos do navegante teriam dado vida a Robinson Crusoe, famoso personagem do livro homónimo de Daniel Defoe. A ilha tornou-se famosa por causa dessa história e, em 1966, o Governo chileno deu-lhe o nome deste personagem.





As crianças agradeceram o gesto da organização da actividade no Parque aquático em Luanda e envolveram-se com muito entusiasmo na festa de natal antecipado a si proporcionada



Para mais de cem crianças de centros de acolhimento

Fundação Pirâmide promove Natal

A actividade, enquadrada nas festividades do terceiro aniversário dessa fundação, teve como objectivo proporcionar às crianças um dia diferente daqueles que estão habituados a ter

César Esteves

Mais de cem crianças vindas dos centros de acolhimento Horizonte Azul, de Viana, e El-Betel, do Zango II, festejaram sábado, no parque aquático da Girafa, em Luanda, o seu Natal antecipado, numa iniciativa da Fundação Pirâmide World Foundation, em parceria com a Fundação Kukulá.

A actividade, enquadrada nas festividades do terceiro aniversário dessa fundação, teve como objectivo proporcionar às crianças um dia diferente daqueles que estão habituados a ter.

De acordo com Sérgio da Conceição, porta-voz da fundação Pirâmide, com a realização deste evento, pretendem, primeiro, marcar o início da "Semana Pirâmide", assinalado recentemente. "Como já tem sido hábito, convidamos as crianças de lares

distintos de Luanda, a fim de estarem connosco neste dia especial", disse o porta-voz dessa fundação.

As crianças não esconderam a satisfação que sentiram ao estarem naquele lugar. A organização do evento criou as condições no local para que elas se sentissem assim

Diferente de outras edições, continuou Sérgio da Conceição, em que contamos apenas com a presença de um centro de acolhimento, dessa vez decidimos alargar o número de crianças, convidando mais cen-

tros. "Assim, nesse terceiro aniversário da fundação, convivemos connosco crianças dos lares de acolhimento Horizonte Azul, de Viana, e do El-Betel, do Zango II", acentuou.

Esse alto responsável da fundação Pirâmide disse que, ao invés de se organizar um almoço de confraternização entre os seus membros, preferiram organizar um Natal antecipado para as crianças desses lares. "Nós, enquanto adultos e por causa das possibilidades que temos, conseguimos sempre ter um Natal em condições, mas essas crianças não. Por isso, ao invés de sermos nós os membros da fundação a festejar, organizamos essa festa para elas. Foi uma maneira que encontramos para lhes mostrar que o mundo deles não se resume apenas às paredes dos lares em que se encontram", explicou Sérgio da Conceição.

Ainda de acordo com o porta-voz, que falou ao Jornal de Angola, essa iniciativa não vai ficar por aqui. Nas próximas edições, vão optar por outros lugares. "Hoje, escolhemos o Girafa. Amanhã podemos escolher outro sítio. A ideia é permitir que as crianças desses centros desfrutem de todos os sítios de recreação que há em Luanda", sublinhou.

As crianças não esconderam a satisfação que sentiram ao estarem naquele lugar. A organização do evento criou as condições no local para que elas se sentissem assim. Além do parque aquático, que estava à disposição delas, houve igualmente vários momentos de atracção, com destaque para actuação dos grupos The Groove e Ango-Boyz, que abrilhantaram os petizes com as melhores dos seus reportórios. Como quem não queriam só desfrutar do aparato que lhes foi prepa-

rado, as crianças dos lares também entraram em acção, mostrando aos adultos que, apesar de estarem nos centros de acolhimento, também fazem o que as outras crianças fazem. Apresentaram várias coreografias que arrancaram vários aplausos da plateia. A adolescente Maria da Conceição, do centro Horizonte Azul, disse que vai guardar bem o momento por nunca ter vivido. "Eu nunca vim para este lugar e nem sabia que existia. Estou muito feliz por estar aqui. É uma lembrança a não esquecer", disse.

Já para Odeth Lino, natural da província do Huambo, que entrou no centro Horizonte Azul quando tinha apenas 7 anos, por falta de condições em casa, disse estar muito satisfeita com o momento e que representa bem o amor ao próximo. Agora com 18 anos, Odeth Lino prometeu ser eternamente grata as fundações Pirâmide e Kukulá

pelo momento proporcionado. "Não tenho palavras para os agradecer", sublinhou.

No final da actividade, Sérgio da Conceição disse que o balanço foi positivo. "Conseguimos atingir o objectivo. As crianças saíram todas felizes", afirmou.

Pirâmide World Foundation (PWF), constituída formalmente em Angola, em Dezembro de 2014, nasceu da iniciativa de apoiar crianças cujo meio familiar não lhes permitisse o acesso ao ensino, por questões de orfandade, dificuldades financeiras e/ou sociais. Surgiu primeiramente com uma visão de exercer uma actuação em Angola, na área da educação. Trata-se de uma entidade de direito privado, sem fins lucrativos e de utilidade pública, dotada de uma maior capacidade institucional para o desenvolvimento de outras iniciativas, reflectidas no seu plano estratégico.



Isilda Gonçalves, atriz, apresentadora e companheira de Eduardo Paim

“Não estou a pensar nos pormenores de um casamento”

Diz o adágio popular que ao lado de um grande homem sempre há uma grande mulher. Isilda Gonçalves é a nossa convidada e descreveu-nos, ao pormenor, a sua relação afectiva com o músico e compositor Eduardo Paim, o “general Kambuengo”, além de traçar a sua perspectiva de vida para 2018 falou-nos ainda da sua paixão pelo jornalismo

Ferraz Neto

Disse que inicialmente alimentava o sonho de ser repórter de guerra, mas a vivência do dia-a-dia no jornalismo valeu-lhe passagens pelo programa "Texturas", da Televisão Pública de Angola (TPA), especializado em artes plásticas. Recorrendo às novas tecnologias de informação e comunicação, estivemos a conversa com a jornalista, que se encontrava em Lisboa (Portugal).

Lembra-se do que queria ser, quando era pequena?

Lembro-me perfeitamente, queria ser jornalista/repórter de guerra, isso porque muito nova ainda, para aí com uns 10 anos, tinha assistido a um filme que me marcou profundamente. O título era “El Salvador”, de 1986, género drama com roteiro baseado

em factos reais, escrito, dirigido e produzido por Oliver Stone. O filme conta a história de Richard Boyle, um jornalista norte-americano que se desloca para El Salvador em 1980 a fim de cobrir a guerra civil. Enquanto cobre o conflito ele envolve-se tanto com os guerrilheiros de esquerda que querem o seu lado do conflito publicado na imprensa estrangeira, enquanto os militares da direita querem as fotos dos rebeldes. O retrato de Stone do conflito é simpático à causa da esquerda revolucionária camponesa, apesar lamentar o assassinato de prisioneiros por esta numa cena crucial. O filme critica fortemente o apoio do Governo dos Estados Unidos aos militares de direita e seus esquadrões da morte, denunciando o assassinato de quatro missionárias católicas norte-americanas. Não vou alongar-me mais, senão nunca mais termino,

o certo é que aquelas cenas de violência escancaradas das disputas políticas em El Salvador e a frieza dos jornalistas no local do combate, fascinaram-me de tal forma que aí decidi o que queria ser de imediato.

Tive inúmeras dificuldades para afirmar-me como atriz e, consequentemente como apresentadora. Só encontrava entraves, barreiras e tive que as quebrar

Ser apresentadora de televisão ou atriz sempre passou pelos seus objetivos?

Sim, julgo que sim. Portanto, uma coisa aliada à outra. Em casa “apresentava” o tele-

jornal para a família, imitava a Mariana Ribeiro, a Ana Lemos e a Antónia Pacavira. Queria ser como elas, e isso era já o prenúncio do meu lado de atriz a vir ao de cima.

É uma batalhadora insuperável. Lembra-se das grandes dificuldades para a sua afirmação como atriz e apresentadora de televisão?

Tive inúmeras dificuldades para afirmar-me como atriz e, consequentemente, como apresentadora. Só encontrava entraves, barreiras e tive que as quebrar. Lógico, comecei em Portugal a trabalhar como atriz, num meio pequeno e fechado aos negros com muito poucas oportunidades. Éramos limitados pelo pigmento, os papéis eram específicos, ou eram motoristas ou apareciam a estender uma bandeja, criados, era muito difícil. A NBP era uma das maiores produtoras na altura,

só produzia quase para a RTP, só depois é que se deu o “bum” das telenovelas da TVI e da SIC. Contudo, prefiro nem colocar o meu foco nisso, pois cada evento que experimentamos gera um aprendizado, que pode ser bom ou mau, dependendo de como adoptamos as emoções despertadas nesse momento.

Que programa gostou mais de fazer?

Não há assim um programa que possa dizer que tenha gostado de fazer. Claro, há programas e programas, mas quando me proponho a assumir um desafio entrego-me por completo, só se não valer a pena, isso porque considero cada experiência boa ou má, como uma excelente oportunidade de aprendizado.

O que é que a motivou ontem e hoje em dia?

Dou glória a Deus por tudo e todos os dias, pois a vida dá-nos motivos suficientes para oscilar na fé. Em cada um desses motivos há legitimidade para nos fazer estacionar em algum lugar entre a confiança, o questionamento, a paz de espírito e a ansiedade, a ousadia, o medo, a convicção e a dúvida, a alegria e a tristeza, onde a maioria das pessoas se tornam desconfiadas e entristecidas com as experiências amargas da vida e podemos com estas mesmas experiências, comuns a todos, aprender o segredo de viver contente em qualquer situação. É isso que me mantém viva, motiva e motivou-me.

Consegue definir-se, numa palavra?
Batalhadora.

Como conheceu Eduardo Paim?

A trabalhar. Trabalhava num Café no centro comercial Colombo e o Eduardo Paim visitava com alguma frequência a loja de instrumentos musicais mesmo em frente ao local onde eu trabalhava. Como não passa um dia sem beber café, era inevitável nos cruzarmos. Conhecemo-nos aí.

A sua relação com o Eduardo Paim é antiga. Está casada há quanto tempo?

Não somos casados ainda, mas a nossa relação já dura há mais de 10 anos.

Já há alguns pormenores que possa adiantar sobre o eventual casamento?

De momento não, pois não estou a pensar nos pormenores.

O que é que espera que lhe digam, enquanto esposa de um músico renomado como Eduardo Paim?

É difícil ter a percepção do que me podem dizer, espero contudo que me digam coisas boas e positivas.

O que é que mudou desde a chegada do pequeno Giovanni?

Mudou tudo à minha volta, a maneira de encarar e olhar para o mundo. Hoje sou mais paciente, tolerante e incisiva. Quando somos mães parece que se acrescenta um coração novo ou o nosso cresce, de repente, só para albergar este amor enorme, mas também há outra parte que fica muito apertadinha, pois acho que com os filhos as coisas estão sempre nos antípodas, se qualquer coisa não correr bem, é o pior de tudo, mas quando as coisas correm pelo melhor não há nada que supere isso.

Na sua opinião, ele tem mais traços da mãe ou do pai?

Na minha opinião tem muitos dos dois, apesar de dizerem que fisicamente tem mais traços do pai, tem o meu sorriso, o olhar crítico e muito observador no carácter.

Quais as principais dificuldades que encarou na

chegada da maternidade?

Não houve dificuldades, já me tinha programado para esse evento. O momento, o estágio, foi tudo natural e deu-me a endurance para suportar as dificuldades que se me apresentaram.

Trabalhava num Café no centro comercial Colombo e o Eduardo Paim visitava com alguma frequência a loja de instrumentos musicais mesmo em frente ao local onde eu trabalhava

Qual o segredo para estar sempre com um sorriso, como é habitual ver em si?

Sorrir tornou-se um hábito na minha vida. Na minha óptica é a forma mais fácil de mudar o mundo, afinal a felicidade contagia e as pessoas felizes não se incomo-

dam tanto com a felicidade alheia. Acredito na lei da atracção, que pode funcionar de diferentes formas. A mais certa é sorrir, o sorriso é sinónimo de coisas boas e energias positivas para quem se sente em plenitude e não tem mais nada a desejar.

Eduardo Paim está sempre a viajar em espectáculos. Gosta de viajar?

Gosto imenso de viajar, não viajo tanto quanto desejaria. Por causa do trabalho e agora também pelo Giovanni.

Quem cuida do filho durante as viagens?

Eu, claro. Sou mãe canguru. O Giovanni vai comigo para todo o lado, não delego ou transfiro as minhas responsabilidades de mãe para outras pessoas, condicionei o lado profissional e deixei de ter vida social para cuidar do meu filho.

Quais os seus planos para o futuro?

Vivo um dia de cada vez. A

família é o meu maior plano para o futuro. Profissionalmente, anseio por um novo projecto, pois é altura de abraçar projectos com a mesma alegria e entusiasmo de sempre.

O ano está prestes a terminar. Quais são as suas perspectivas e o que pensa de Angola para o ano de 2018?

As expectativas são as melhores possíveis, sinto-me cheia de esperança novamente, embora me depare com situações menos abonatórias pelo estado em que vivemos. Estamos na presença de uma guerra de egos onde a linguagem de insultos e guerra prevalece, além dos ensinamentos da natureza. Devemos nos unir no amor, tolerância e compaixão, é hora de fazer com que quem nos governa, os nossos líderes, compreendam que eles devem cultivar uma consciência superior, se pretendem ser a alma e a voz da sua nação e de toda a humanidade, porque somos um só, e não há fron-

teiras entre os seres humanos. Na minha opinião, devemos semear o amor de dentro e erradicar a ansiedade, o medo e o ódio, que no final, são as sementes do terror e da intolerância. Lembremos aos nossos líderes políticos a não nos tomarem a vida e a paz e a garantirem um futuro melhor para as novas gerações. Eles têm três problemas radicais nas suas costas: o egoísmo, a ganância e a apatia. O mundo está dividido entre a pobreza, as mudanças climáticas, a desigualdade social e a má qualidade da educação. Para resolver a nossa fraqueza de consciência, temos de trabalhar juntos para transformar o estado de coisas. Como Mahatma Gandhi disse, "seja a mudança que deseja ver no mundo", e eu aposto nisso, porque se olharmos para dentro descobrimos que além do ego e as nossas falsas identidades de raças, etnias e credos, todos merecemos harmonia e a convivência pacífica. É o que desejo para 2018.





O cenário foi montado criteriosamente com uma exposição de pequenas montras de roupas e muitos candeeiros



Clube "S"

Gastronomia ao sabor das ondas do mar

Um lugar paradisíaco, digno de um cenário de cinema, o clube "S" tornou-se no local de eleição dos amantes da boa gastronomia e de um ambiente acolhedor com vista para as ondas do mar

Edna Dala

Com o som convidativo das ondas e a brisa do mar a acariciar o rosto. Foi assim que a nossa reportagem foi recebida no restaurante Clube "S", localizado na zona sul de Luanda, na entrada do embarcadouro do Mussulo.

Um lugar paradisíaco, digno de um cenário de cinema, o clube "S" tornou-se no local de eleição dos amantes da boa gastronomia e de um ambiente acolhedor com vista para as ondas do mar.

O Clube foi inaugurado recentemente e tem como uma das suas grandes referências o peixe fresco nacional.

O cenário foi montado criteriosamente com uma exposição de pequenas montras de roupas e muitos candeeiros de lustres feitos de vime oferecendo um ar mais elegante e tradicional fora daquilo que é o ambiente comum dos serviços de restauração.

De modo extrovertido, Rui Silva, sempre bem humorado, contou a nossa reportagem que o restaurante surgiu de uma dificuldade de importação. Detentores

do grupo RBS, ligado ao mundo da moda, a empresa "passava por dificuldades de importação" e contava com um grande número de funcionários e colaboradores. Para evitar despedimentos em grande escala, decidiu diversificar a actividade e arranjar outros meios para enquadrar o pessoal.

Para dar início a este grande desafio, o grupo reaproveitou toda a equipa, que teve a responsabilidade de fazer os móveis e toda a decoração, desde os sofás, camas de praia e candeeiros. "Por isso tudo que está exposto no restaurante é de produção nacional", disse.

O proprietário do Clube disse que um dos maiores desafios foi manter o pessoal. Hoje, o número cresceu com mais contratos está situado na cifra de cerca de 160 funcionários.

Reaproveitamento do Espaço

O espaço que esteve desabitado por muito tempo e sem proveito foi reestruturado para albergar o requintado restaurante que hoje atrai os amantes de uma boa gastronomia, conforto e música ao vivo.

O clube abre as portas de segunda a quarta-feira, das 9 horas à meia noite, prosseguindo de quinta a sábado, entre às 4 e às 5 horas da manhã, e oferece segurança privada e descontração para quem quer estar com os amigos ou a família para degustar uma boa carne nacional proveniente do Lubango, peixes acabado de pescar e tranquilidade.

Para evitar despedimentos em grande escala, decidiu diversificar a actividade e arranjar outros meios para enquadrar o pessoal

Rui Silva disse que o conceito e a palavra de ordem na casa é o bom ambiente, comida, boa disposição, acompanhada de boa música a cargo de djs. O restaurante abre as 9 horas e durante a semana fecha a meia noite. Às quintas, sextas e sábados fecha entre as 4 e as 5 da manhã.

Tem como público alvo, pessoas que vivem em Talatona e arredores assim como empresários, público médio e alto e uma boa franja de estrangeiros.

Silva, que além de apreciador de boa gastronomia, confidenciou-nos que sabe mexer com as panelas e confeccionar um bom prato. A título de exemplo, indicou o massa de camarão como um dos seus pratos de eleição.

Na ocasião, a nossa equipa encontrou dentre os vários clientes da casa um grupo de estrangeiros que se mostram satisfeito com a escolha do restaurante e rasgou fortes elogios naquilo toca a variedade de cardápios e principalmente a qualidade. Rui Silva disse que o bife de 300 gramas é o prato que mais vende e o preferido de muitos clientes da casa, em particular os nocturnos.

Explicou que a casa pratica preços que variam desde os 3.000 aos sete mil kwanzas.

Detalhou que as saladas variam entre os três mil kwanzas, as massas a 4 mil, os bifos rondam os cinco mil kwanzas e as lagostas sete mil.

Aposta

Abertura de outros espaços do género em Luanda

Expansão do grupo

Rui Silva disse que o restaurante vai abrir mais dois espaços enquanto aguarda por maior abertura e estabilidade financeira no mercado. Neste momento, disse, o grupo já tem tudo programado e acertado para abertura de mais dois ou três restaurantes com parceiros locais.

Sem perder o sentido de humor que o caracteriza, Rui Silva sublinhou que os clientes encontram no restaurante, além de gente bonita, boa comida e muita diversão. Mostrou-se satisfeito pelo rápido fluxo de clientes que diariamente se dirigem para o Clube "S", principalmente aos fins de semana que são os dias que a casa fica abarrotada. Reconheceu que a casa está a evoluir em termos de pessoal, serviço e gastronomia.

No final da nossa reportagem, encontramos um dos integrantes da banda Damagical, o cantor conhecido como o Rei do Amor, que se mostrou satisfeito com a qualidade e os serviços que a casa oferece.

Receita do executivo de cozinha José Louro Tranche de corvina grelhada, temperada com alho e limão

Molho aveludado de alho e limão.

Corta-se o peixe em tranches e põe-se numa tigela com água e limão para sangrar o peixe e tirar toda gordura bem como o excesso de sangue que o peixe possa ter. De seguida, tempera-se o peixe com limão, alho e leite para clarear a carne.

A outra tranche de peixe vai por cima com o molho aveludado de alho e limão.

O segundo o executivo de cozinha, os molhos aveludados são molhos franceses feitos a base de manteiga.

Passado esse pormenor, o peixe vai a grelhar e é acompanhado de legumes variados salteados ao azeite.

Os legumes salteiam-se com alho e um fio de azeite.

O molho aveludado é feito com uma redução de limão e alho e logo de seguida acrescentamos a manteiga sem a derreter e batemos até formar o creme coloca-se por cima.



Integrante da Banda Damagical de óculos de sol

Vencedor do “Solettrar Angola” diz que o concurso transformou a sua vida

Pequeno Leonardo quer apresentar troféu à ministra da Educação

O vencedor da terceira edição do concurso “Solettrar Angola”, Leonardo Carvalho, de nove anos, disse ao *Jornal de Angola* que gostaria muito de encontrar a ministra da Educação, Cândida Teixeira, para lhe apresentar a taça e, ao mesmo tempo, falar da transformação que o concurso fez na sua vida

César Esteves

“Este concurso ajudou-me a ser uma criança mais inteligente. Conheço mais palavras e já não escrevo com muitos erros, mas estou triste porque as crianças que vivem nas províncias não podem participar também do concurso”, disse o pequeno Leonardo, para acrescentar que gostaria muito de ver, também, as crianças do interior a participarem no concurso, a fim de aprenderem as mesmas coisas que ele sabe hoje.

Leonardo Carvalho, que quer ser arquitecto e artista plástico, disse estar muito satisfeito com a conquista do galardão. “Estou muito feliz por vencer este prémio. Foi difícil, mas consegui”, afirmou Leonardo Carvalho, que este ano concluiu a 4ª classe.

Para Madalena Fernandes, mãe do menino, este concurso transformou a vida do seu filho. A também professora afirmou que Leonardo já era inteligente, mas, ao participar neste concurso, tornou-se ainda mais inteligente. “Passei a conhecer mais palavras

e seus respectivos significados e já não dá muitos erros na ortografia”, disse.

Este concurso, continuou Madalena Fernandes, ajudou Leonardo a pensar mais rápido. Ele não é mais uma criança que leva muito tempo para responder uma questão. Para que não se ficasse só pelo depoimento, Madalena Fernandes pediu ao menino para soletrar uma das palavras usadas no teste. O resultado foi incrível! Leonardo é rápido ao desfazer a palavra. Como se de uma júri do concurso de soletração se tratasse, Madalena pediu ao filho para soletrar a palavra otorrinolaringologia. Sem perder tempo, Leonardo desfez a palavra e apresentou o seu respectivo significado. “O-tor-ri-no-la-rin-go-lo-gi-a, especialidade médica que se ocupa da doença do ouvido, nariz, etc”, concluiu.

Organização do concurso
Segundo Adalberto Neto, presidente da organização “Saber Sem Limites”, que organiza este concurso, “Solettrar Angola”, que teve a sua primeira edição em finais de 2014, foi criado por várias razões.

Um deles tem a ver com a questão da escrita e da oratória dos alunos, sobretudo os do ensino superior. “Sentimo-nos na obrigação de desenvolver esse concurso, mas começando pela base. Tem-se dito que é de pequeno que se torce o pepino. Por isso é que nós decidimos começar a trabalhar com os alunos do ensino primário, isto é, da 4ª e 6ª classes, a fim de os ajudar a dirimir os erros ortográficos e melhorar a oratória”, disse.

O mentor do projecto disse que têm atingido muitos dos alvos preconizados. Adalberto Neto garantiu que, com o surgimento desse projecto, já se vê meninos mais preocupados em aperfeiçoar as suas competências linguísticas. “Já querem consultar, com mais frequência, um dicionário e ler mais. Também já não aceitam desperdiçar o seu tempo, praticando jogos que não os ajude a crescer e já se dedicam mais à leitura”, confirmou.

Esse alto responsável do “Solettrar Angola” disse que os relatórios que chegam às suas mãos, vindos das escolas onde está instalado o

projecto, mostram uma maior afluência dos alunos nas salas de aula, o que tem ajudado a reduzir o fenómeno mata aula.

“Este concurso ajudou-me a ser uma criança mais inteligente. Conheço mais palavras e já não escrevo com muitos erros, mas estou triste porque as crianças que vivem nas províncias não podem participar também”

Alberto Neto salientou que o concurso é realizado no período normal do ano lectivo. Este ano, continuou, o concurso começou no mês de Abril e terminou em Novembro. “Realizámos este concurso dentro do plano do Ministério da Educação. Nunca ferimos a questão das pausas pedagógicas. Quando os alunos estão de pausa, não

realizamos o concurso. Apenas quando retomam”, garantiu.

Numa primeira fase, explicou Adalberto Neto, o projecto está apenas em Luanda, onde conseguiram cobrir todos os municípios e distritos, mas a intenção é cobrir todo o país.

Na terceira edição, realizada este ano e cujo vencedor foi Leonardo Carvalho, inscreveram-se mais de dois mil alunos, que depois ficou reduzida a trezentos e oitenta, sendo que desse total foram eliminados mais alguns concorrentes até ficarem 20. É desse total onde se encontrou o vencedor.

Critério de adesão ao concurso

Alberto Neto explicou que o aluno a participar no concurso tem de ser assíduo nas aulas, pontual, deve ter boas notas e um comportamento aceitável. De acordo com esse responsável, os alunos são seleccionados com ajuda dos professores.

Apesar de o projecto estar já na sua terceira edição, o seu mentor disse que tem carecido de alguns apoios

para a sua realização. “Nós damos merenda aos alunos que participam no concurso e alimentação aos homens que trabalham connosco. Precisamos de apoio para nos deslocarmos aos municípios”, disse.

Para a realização da edição deste ano, Alberto Neto disse que precisavam de cerca de nove milhões de kwanzas, mas apenas contaram com um milhão e meio, que receberam da Sonangol.

O responsável do projecto salientou que além do apoio que receberam da empresa petrolífera, também receberam do Grupo Cafago, Banco Económico, NCR, mas que, ainda assim, não foi suficiente para suprir todas as necessidades. “Nós queríamos ter uma maior aproximação com os organismos de tutela, no sentido de dirimirmos algumas debilidades com as quais nos debelamos. Estamos conscientes de que o país não está a passar por um bom momento financeiro. Trata-se de um momento difícil, mas a educação é daqueles empreendimentos que não pode esperar”, afirmou.



MOTA AMBRÓSIO | EDIÇÕES NOVEMBRO



JOÃO ANTÓNIO PASCOAL NETO, “JOÃOZINHO MARADONA”

Nascido no Sambizanga

Data de nascimento
26 de Setembro de 1959

Sonho
Um país habitado sobretudo por pessoas que o amam e que são capazes de colocar os interesses da pátria no topo das prioridades.

Estudo e desporto
Muito difícil encontrar equilíbrio, mas é preciso dar o máximo nesse sentido

Álcool no casamento
Não dispensa uma boa cervejinha

Leitura e Música
Estão intimamente ligados. Lê para se cultivar e tem a veia musical na família



Joãozinho Maradona, antigo futebolista, co-fundador do 1º de Agosto

“Alguns gestores de instalações desportivas deviam ir para a cadeia”

João António Pascoal Neto, “Joãozinho Maradona”, aborda, em entrevista, uma série de assuntos. São, em alguns casos, avaliações ousadas de quem se assume como apaixonado por tudo o que faz. O antigo futebolista espera, no mínimo, que os gestores dos bens públicos tenham igual envolvimento na manutenção e na funcionalidade das instalações desportivas.

Vivaldo Eduardo

Desde as memórias dos últimos anos da Era Colonial, passando pela guerra pela Independência e pelas iniciativas que estiveram na base da criação do Clube 1º de Agosto, João António Pascoal Neto, “Joãozinho Maradona”, aborda, em entrevista, uma série de assuntos. São, em alguns casos, avaliações ousadas de quem se assume como apaixonado por tudo o que faz. O antigo futebolista espera, no mínimo, que os gestores dos bens públicos tenham igual envolvimento na manutenção e na funcionalidade das instalações desportivas.

Em que momento teve os primeiros contactos com o Futebol?

Lembro que, quando fomos convocados a partir da escola de jogadores, eu representava o Marçal A e havia, igualmente, o Marçal B. Foi um Torneio Inter-bairros, organizado pelo FC Luanda, onde o Rangel e o Cazenga, por exemplo, também participavam com duas equipas. Estamos a falar dos anos 1972, 1973, durante os quais tive como contemporâneos o Mendinho, o Lito (Paulo Gouveia), Malé, etc. Fomos parar aos ju-

venis do Maxinde. Em 1974, fui para a tropa, como milícia, nas guerras suburbanas. Em 1975, para o curso de comandos, no qual, sob liderança do General Ndalú, integrei um grupo que formou uma força de elite, a Nona Brigada de Infantaria Motorizada (nos conflitos do 27 de Maio, fomos conotados como “Fraccionistas”). Tive como colegas o falecido deputado André Passy, a Didi, ex-jogadora de basquetebol, foi para lá como radialista, mas depois o pai foi à busca dela.

Nesse clima de guerra, a actividade desportiva ficou para segundo plano?

Na véspera da Independência, partimos - creio que tinha, na altura, 15 anos -, quando se vivia a incerteza de conseguirmos manter a capital até ao dia da proclamação da Independência. Libertámos Santo António do Zaire. Sempre fui referência das companhias ou Brigadas, por causa do desporto, do futebol em particular. Portanto, eu era protegido. Mesmo com todas as obrigações militares incontornáveis, havia sempre aquele lado em que éramos vistos como jogadores. Tivemos um jogo com a Académica do Soyo, para o qual o General Ndalú orientou que

fôssemos localizados, enviando, inclusive, uma avioneta. Saí de Tomboco para a Vila de Santo António do Zaire, sendo rendido pelo Manecas Madeira (esse mesmo da televisão).



“Foram à minha busca com o objectivo de formarmos uma equipa militar, visando a posterior participação nas competições dos Exércitos Amigos, muito em voga na altura.”

Foi por essa altura que se criou o 1º de Agosto?

Olha, coincidentemente, quem estava a substituir o General Ndalú era o Carlos Hendrick. Fui despedir-me dele no Palácio e, apesar da relutância em me dispensar, tivemos que cumprir a ordem. Foram à minha busca com o objectivo de formarmos

uma equipa militar, visando a posterior participação nas competições dos Exércitos Amigos, muito em voga na altura. Por orientação do Ndalú, organizámos um torneio inter-unidades (eu fazia parte do comando da Nona Brigada). Daí extraímos os melhores jogadores e formamos o Grupo Desportivo Os Dragões da Nona Brigada. Deste, chegou-se ao Clube Desportivo 1º de Agosto.

Já era, naquela altura, conhecido como “Joãozinho Maradona”?

Ainda não! Esse nome surgiu mais tarde, dado pelo Manuel Rabelais, no relato de um jogo. Nasci no Sambizanga, mas cresci no Marçal. Passei pelo então bairro Adriano Moreira (actual Bairro da Cuca). Havia jogos dos “Mbumbos” (negros) contra o “Nguetas” (brancos), nos quais o meu irmão mais velho (o músico Tueli Bamba) destacou-se como craque e foi comprado. Saiu da equipa dos Negros para a dos Brancos. Eu continuei na formação dos Negros, até que a equipa dos Bairros Unidos comprou o meu irmão aos brancos. Como consequência, eles vieram comprar-me, para substituir o meu irmão (creio que foi por cem escudos, na altura).

E como foi então a passagem dos Dragões da Nona Brigada para o 1º de Agosto?

Logo que fomos fundados, começamos a fazer viagens. A primeira foi para Benguela, onde jogámos com a JMPLA local e com a do Lobito. Ganhámos o torneio, já com o CPPA (Corpo de Polícia Popular de Angola) também já inserido. A seguir, jogámos com a JMPLA da Escola de Oficiais do Huambo. Aí tomamos contacto com o Chimalanga, Lutucuta, Mascarenhas, com o Agostinho e tantos outros. Ganhámos os jogos, tanto lá no Huambo, como na Huíla, onde fomos a seguir. A equipa era liderada pelo General Ndalú e tinha como técnico o Nicola Berardinelli. Fomos, igualmente, a Cabinda. Reavivamos o desporto no pós-independência. Quando nos preparávamos para ir à Zâmbia e Congo Brazzaville acontece o golpe de estado de 27 de Maio, em 1977.

E como ficou o desporto neste cenário complicado?

Deu para sobreviver. Mesmo perante os acontecimentos do 27 de Maio, manteve-se um compromisso assumido com a selecção militar da Nigéria. Entretanto, no conflito, morreram alguns dos nossos companheiros que eram operacionais. Para

honrar o compromisso, recrutamos outros jogadores, nas províncias por onde tínhamos passado, para que representassem a nossa equipa, como se fossem militares. Apareceu assim o Garcia, o Chimalanga, o falecido Sansão, o Lélis, Mascarenhas e outros. Empatámos a duas bolas com a Nigéria, na Cidadela. Aí tomou-se a decisão de manter já esses jogadores na equipa. E praticamente assim apareceu o 1º de Agosto, que foi só continuidade dos Dragões da Nona Brigada.

Mas o Joãozinho não transitou para o 1º de Agosto?

Fiquei desgostoso pela perda dos meus companheiros. Ficamos aquartelados, praticamente presos. Havia várias chamadas (parada militar) ao longo do dia. Muitos eram levados para as piores zonas de guerra, na altura, e tudo isso mexeu bastante comigo. Nesta fase, não quis continuar a jogar à bola. Vários colegas, como o Mascarenhas, sobretudo, tentaram persuadir-me a mudar de ideias. Foi em vão. A irmandade que havia com alguns dos companheiros perdidos era muito forte. Depois, entrou o Napoleão Brandão e o Van-Dúnem (vindos do CPPA), o Manico etc. A partir



daí, o comandante Petroff orienta o falecido Pegado a levar para o CPPA, tendo em conta a minha relutância em continuar nos Dragões.

Actualmente, nas vestes de dirigente, que contributo dá ao desporto?

Sou, antes de mais, um desportista. Enquanto futebolista, fui dos poucos que acompanhou todas as outras modalidades. Daí a estreita relação com os colegas doutras disciplinas desportivas. No desporto, nunca quero estar por estar. Quero sempre saber estar. No exercício actual da minha actividade, conseguimos revitalizar o desporto municipal. Estamos no segundo Campeonato do Município de Viana de Futebol Sénior. Somos o único município do país a realizar esta prova, na qual competem 14 equipas. Arrancámos com o campeonato infanto-juvenil (estamos na sexta jornada), com 20 equipas, divididas em séries. Constituímos a Associação Municipal dos Desportos, onde estão congregadas vice-presidências das várias modalidades desportivas.

Como está a ser possível levar a cabo estas acções, em tempo de crise?

A nossa boa relação com as pessoas é a base de tudo. A competição de seniores denomina-se GiraViana-Pura. Conseguimos estabelecer parceria com a Refriango, que oferece

água às 14 equipas, por toda a época. Acabamos de fazer entrega do material desportivo para as catorze equipas, cedido pelo patrocinador oficial. Nem sequer é normal darmos todos estes passos, sem assinar qualquer protocolo. Trabalhamos com base na confiança e nas excelentes relações inter-pessoais que estabelecemos. Somos campeões provinciais de MotoCross (o Team Dinamite é do nosso município). Estamos a formar nas modalidades de andebol e basquetebol, bem como nos desportos de luta. O que nos entristece é que não temos fundos. Nunca recebemos nada da Administração central.

E qual é a estratégia para gerir sem fundos, com o balanço positivo que apresenta?

Precisamos de investir. Quando vamos a uma associação juvenil, devemos ter meios para oferecer o básico. Nas minhas vestes políticas, assumo-me como sendo diferente, porque fui voluntário para as forças armadas para defender este país. Tenho uma visão diferente daqueles que foram obrigados a envergar o uniforme. O amor às causas da pátria é mais íntegro e continua a ser cultivado naquilo que fazemos pelo país, no nosso dia-a-dia. Não pensamos no sentido de oportunismo. O presidente da Associação dos Desportos é o Quim Sebas, um ex-jogador que vocês bem conhecem. Entregámos um

anexo da nossa direcção para que a associação funcione ali. Conseguimos um computador e lá vamos.

Que soluções nos aponta para a manutenção dos estádios de Futebol?

Primeiro, devemos ter amor naquilo que fazemos. Valorizar o que o país investiu e senti-lo como nosso, despertando o nosso instinto de protecção. É com o nosso dinheiro, dos contribuintes, que o Estado ergueu as instalações. Há também que registar a forma incorrecta como foi entregue a gestão dos estádios e pavilhões, por parte do Ministério da Juventude e Desportos. Entregar a gestão só às empresas, sem acautelar a real sensibilidade e capacidade dos gestores para a manutenção das estruturas, foi um erro crasso. É este equívoco que nos colocou onde estamos. Não basta a empresa querer gerir, ou ter dinheiro, porque a gestão desportiva é diferente da gestão empresarial comum.

Tem experiência prática de gestão de instalações desportivas?

Sim! Fui gestor do Estádio Municipal dos Coqueiros. Tinha intervenção directa até na recolha do capim do lado do peão. Essa atitude motivava os colegas. Conseguimos superar inúmeros problemas. Os estádios foram construídos na perspectiva de se auto-sustentarem e é possível aí chegar. Um estádio

11 de Novembro não deveria estar murado, como um forte, escondendo-se de quem passa, porque é o seu encanto que pode despoletar a exploração comercial. O público não tem visibilidade do interior do estádio e não há lojas. As instalações devem estar abertas, a gestão tem de ser forte. O comércio e todos os serviços têm que estar funcionais a tempo inteiro no estádio. Para tal, as instalações devem vender a própria imagem.

Perante o actual estado de degradação de algumas destas instalações, que faria, enquanto responsável?

Do meu ponto de vista, pelo estado em que se chegou, estes senhores (gestores dos estádios) deviam ir para a cadeia, pelo enorme prejuízo ao erário! A gestão tem que ser entregue a pessoas com sensibilidade e amor à causa do desporto, sem qualquer nepotismo. Deveriam analisar como foi a gestão de alguns indivíduos que já o fizeram muito bem no passado, mesmo sem condições. Não há muito por onde procurar, se o critério for a competência. Temos o caso do professor Tião, enquanto director Provincial dos Desportos, era também um gestor que tinha uma equipa bem formada e deu excelentes indicadores. Merecia claramente gerir uma destas grandes instalações. Teve sempre visão, atitude e

experiência. Conhecia bem outras pessoas capacitadas para o fazer e esteve sempre comprometido com a causa.

Que visão tem do equilíbrio no Girabola Zap?

Está competitivo no topo, mas o mesmo não se pode dizer do meio da tabela. Os dirigentes (se de facto alguns merecem ser assim tratados) são viciados. Agora esteve tudo frenético, por existir alternância na liderança do Girabola, mas há outras coisas importantes que ficam postas de parte. Percebe-se facilmente a organização e o crescimento do 1º de Agosto. Também se nota, com poucos recursos, o Petro a apostar na juventude, com excelente trabalho do seu presidente, Tomás Faria. O que precisamos desportar é que não devemos imputar apenas aos treinadores a responsabilidade por um mau desempenho da equipa.

Quer com isso dizer...

Os nossos atletas ganham rios de dinheiro, mas não salvaguardam o seu posicionamento profissional. Pecamos muito no dito "treino invisível". O treinador trabalha durante a semana e os jogadores vão às bebedeiras, sem que se dê conta. Quando se encontram os atletas profissionais na "má vida", é necessário expô-los, em defesa da qualidade do próprio desporto. É uma mentalidade que temos de adoptar. As selecções é que vão ganhar, se os atletas

forem obrigados a ser mais responsáveis. A imprensa deve ser mais comedida, ao elogiar os jovens talentos, porque, por vezes, a boa prestação acontece apenas num jogo, em determinado contexto, muito específico. Mas, na comunicação social, aventa-se já a hipótese de o jogador ter um futuro garantido, quando ele ainda precisa de muito trabalho e não está preparado para o elogio. Temos assistido a várias situações desta natureza.

Que conselhos dá aos desportistas, para a gestão da carreira.

Devem ser, acima de tudo, realistas. Há uns anos, não equacionámos a possibilidade, por exemplo, de terminar uma licenciatura. Era mais difícil, porque existiam menos instituições de ensino, porque tínhamos mais obrigações de âmbito militar e, de certa maneira, nos esquecemos de nós e obedecemos às exigências imediatas do país. Hoje, a realidade permite aos jovens estudarem à distância, havendo, por isso, várias possibilidades. A carreira desportiva é curta e os jovens devem perceber que o bem estar não se cinge a ter uma boa viatura. Muitos nem sequer têm casa. Devem também pensar em criar pequenos negócios, na área da restauração, por exemplo. Algum investimento que o segure quando terminar a carreira. A vida não é um churrasco!



daí, o comandante Petroff orienta o falecido Pegado a levar para o CPPA, tendo em conta a minha relutância em continuar nos Dragões.

Actualmente, nas vestes de dirigente, que contributo dá ao desporto?

Sou, antes de mais, um desportista. Enquanto futebolista, fui dos poucos que acompanhou todas as outras modalidades. Daí a estreita relação com os colegas de outras disciplinas desportivas. No desporto, nunca quero estar por estar. Quero sempre saber estar. No exercício actual da minha actividade, conseguimos revitalizar o desporto municipal. Estamos no segundo Campeonato do Município de Viana de Futebol Sénior. Somos o único município do país a realizar esta prova, na qual competem 14 equipas. Arrancámos com o campeonato infanto-juvenil (estamos na sexta jornada), com 20 equipas, divididas em séries. Constituímos a Associação Municipal dos Desportos, onde estão congregadas vice-presidências das várias modalidades desportivas.

Como está a ser possível levar a cabo estas acções, em tempo de crise?

A nossa boa relação com as pessoas é a base de tudo. A competição de seniores denomina-se GiraViana-Pura. Conseguimos estabelecer parceria com a Refriango, que oferece

água às 14 equipas, por toda a época. Acabamos de fazer entrega do material desportivo para as catorze equipas, cedido pelo patrocinador oficial. Nem sequer é normal darmos todos estes passos, sem assinar qualquer protocolo. Trabalhamos com base na confiança e nas excelentes relações inter-pessoais que estabelecemos. Somos campeões provinciais de MotoCross (o Team Dinamite é do nosso município). Estamos a formar nas modalidades de andebol e basquetebol, bem como nos desportos de luta. O que nos entristece é que não temos fundos. Nunca recebemos nada da Administração central.

E qual é a estratégia para gerir sem fundos, com o balanço positivo que apresenta?

Precisamos de investir. Quando vamos a uma associação juvenil, devemos ter meios para oferecer o básico. Nas minhas vestes políticas, assumo-me como sendo diferente, porque fui voluntário para as forças armadas para defender este país. Tenho uma visão diferente daqueles que foram obrigados a envergar o uniforme. O amor às causas da pátria é mais íntegro e continua a ser cultivado naquilo que fazemos pelo país, no nosso dia-a-dia. Não pensamos no sentido de oportunismo. O presidente da Associação dos Desportos é o Quim Sebas, um ex-jogador que vocês bem conhecem. Entregámos um

anexo da nossa direcção para que a associação funcione ali. Conseguimos um computador e lá vamos.

Que soluções nos aponta para a manutenção dos estádios de Futebol?

Primeiro, devemos ter amor naquilo que fazemos. Valorizar o que o país investiu e senti-lo como nosso, despertando o nosso instinto de protecção. É com o nosso dinheiro, dos contribuintes, que o Estado ergueu as instalações. Há também que registar a forma incorrecta como foi entregue a gestão dos estádios e pavilhões, por parte do Ministério da Juventude e Desportos. Entregar a gestão só às empresas, sem acautelar a real sensibilidade e capacidade dos gestores para a manutenção das estruturas, foi um erro crasso. É este equívoco que nos colocou onde estamos. Não basta a empresa querer gerir, ou ter dinheiro, porque a gestão desportiva é diferente da gestão empresarial comum.

Tem experiência prática de gestão de instalações desportivas?

Sim! Fui gestor do Estádio Municipal dos Coqueiros. Tinha intervenção directa até na recolha do capim do lado do peão. Essa atitude motivava os colegas. Conseguimos superar inúmeros problemas. Os estádios foram construídos na perspectiva de se auto-sustentarem e é possível aí chegar. Um estádio

11 de Novembro não deveria estar murado, como um forte, escondendo-se de quem passa, porque é o seu encanto que pode despoletar a exploração comercial. O público não tem visibilidade do interior do estádio e não há lojas. As instalações devem estar abertas, a gestão tem de ser forte. O comércio e todos os serviços têm que estar funcionais a tempo inteiro no estádio. Para tal, as instalações devem vender a própria imagem.

Perante o actual estado de degradação de algumas destas instalações, que faria, enquanto responsável?

Do meu ponto de vista, pelo estado em que se chegou, estes senhores (gestores dos estádios) deviam ir para a cadeia, pelo enorme prejuízo ao erário! A gestão tem que ser entregue a pessoas com sensibilidade e amor à causa do desporto, sem qualquer nepotismo. Deveriam analisar como foi a gestão de alguns indivíduos que já o fizeram muito bem no passado, mesmo sem condições. Não há muito por onde procurar, se o critério for a competência. Temos o caso do professor Tião, enquanto director Provincial dos Desportos, era também um gestor que tinha uma equipa bem formada e deu excelentes indicadores. Merecia claramente gerir uma destas grandes instalações. Teve sempre visão, atitude e

experiência. Conhecia bem outras pessoas capacitadas para o fazer e esteve sempre comprometido com a causa.

Que visão tem do equilíbrio no Girabola Zap?

Está competitivo no topo, mas o mesmo não se pode dizer do meio da tabela. Os dirigentes (se de facto alguns merecem ser assim tratados) são viciados. Agora esteve tudo frenético, por existir alternância na liderança do Girabola, mas há outras coisas importantes que ficam postas de parte. Percebe-se facilmente a organização e o crescimento do 1º de Agosto. Também se nota, com poucos recursos, o Petro a apostar na juventude, com excelente trabalho do seu presidente, Tomás Faria. O que precisamos desportar é que não devemos imputar apenas aos treinadores a responsabilidade por um mau desempenho da equipa.

Quer com isso dizer...

Os nossos atletas ganham rios de dinheiro, mas não salvaguardam o seu posicionamento profissional. Pecamos muito no dito "treino invisível". O treinador trabalha durante a semana e os jogadores vão às bebedeiras, sem que se dê conta. Quando se encontram os atletas profissionais na "má vida", é necessário expô-los, em defesa da qualidade do próprio desporto. É uma mentalidade que temos de adoptar. As selecções é que vão ganhar, se os atletas

forem obrigados a ser mais responsáveis. A imprensa deve ser mais comedida, ao elogiar os jovens talentos, porque, por vezes, a boa prestação acontece apenas num jogo, em determinado contexto, muito específico. Mas, na comunicação social, aventa-se já a hipótese de o jogador ter um futuro garantido, quando ele ainda precisa de muito trabalho e não está preparado para o elogio. Temos assistido a várias situações desta natureza.

Que conselhos dá aos desportistas, para a gestão da carreira.

Devem ser, acima de tudo, realistas. Há uns anos, não equacionámos a possibilidade, por exemplo, de terminar uma licenciatura. Era mais difícil, porque existiam menos instituições de ensino, porque tínhamos mais obrigações de âmbito militar e, de certa maneira, nos esquecemos de nós e obedecemos às exigências imediatas do país. Hoje, a realidade permite aos jovens estudarem à distância, havendo, por isso, várias possibilidades. A carreira desportiva é curta e os jovens devem perceber que o bem estar não se cinge a ter uma boa viatura. Muitos nem sequer têm casa. Devem também pensar em criar pequenos negócios, na área da restauração, por exemplo. Algum investimento que o segure quando terminar a carreira. A vida não é um churrasco!

“Mangodinho”

Fim de Missão

Como homem avisado teve a arriscada ideia de construir instalações para o que pode vir a ser o Posto Médico da aldeia e cuidou também de mandar os miúdos para estudar. Os jovens não hesitaram em aproveitar a oportunidade de crescer na vida e ajudar o povo

Soberano Canhanga

Já lá vão três anos que Mangodinho teve a arriscada ideia de construir instalações para o que pode vir a ser o Posto Médico da aldeia. Como homem avisado, cuidou também de mandar à Huíla o miúdo Russo e Sembe, jovens da aldeia que não hesitaram em aproveitar a oportunidade de crescer na vida e ajudar o povo. Aliás foi mesmo esse o discurso de Mangodinho quando os abordou.

– Miúdo Russo, como vês, aqui as pessoas morrem tipo cabrito. Não há enfermeiro nem Posto. Não queres estudar saúde? Já falei com o meu pai que foi trabalhar no Lubango e ele pode ajudar. Pelo menos cresces na vida e ajudas o povo.

Miúdo Russo, miúdo de visão, não hesitou.

– Obrigado Tio Godinho. Muito obrigado. Vou já avisar a mãe. É mesmo avisar.

Mangodinho falou também com Sembe sobre o assunto e nos mesmos termos. Sembe, miúdo crescido e já um pouco

viajado, viu naquela proposta a vez da sua vida.

– Já aceitei, tio. Não precisa só se dar massada de explicar. Não aproveitar é ser burro e continuar na lavra e nos alambiques – concluiu Sembe, levando-a a casa para avisar os familiares.

“Filósofo de bairro” vezes tantas levou apoio moral e material para suprir carências de visita

Já não era boato. Era certeza. O chefe Sabalo, tio de Mangodinho que foi ao Lubango trabalhar na ordem e segurança, cuidou de os inscrever na Escola Técnica e instalar no internato de Civingiro. Vezes tantas levou apoio moral e material para suprir carências de visita e de quem vive de braços estendidos.

Mangodinho, hoje distinto daquele que aportou à Ngwimbi em situação de óbito,

é homem diferente, iluminado. Com as instalações erguidas e os dois técnicos formados, mesmo que venham a ser pagos apenas pela comunidade, só restará pedir à administração os equipamentos e medicamentos. Mangodinho é, ao que diria Salas Neto, “um filósofo de bairro” ou um “mago no escuro da aldeia rural”. Ele foi felicitá-los pelo empenho e levá-los de volta à Pedra Escrita.

– Epá! Tio Godinho e chefe Tio Sabalo?! Muito gosto. Obrigado por nos darem o estudo e virem nos visitar. – Soltaram em coro miúdo Russo e Sembe.

– Nós é que agradecemos o vosso espírito de entrega e de sacrifício. Sabia que a vossa vida aqui, longe da família, não seria fácil mas confiei também na vossa resiliência, enquanto jovens comprometidos com o bem-estar da população. – Agradeceu Mangodinho.

– Tio, só o começo é que foi duro, explicou miúdo Russo a desembrulhar os certificados, mas o resto foi fácil, porque o chefe tio Sabalo estava

sempre aqui ou íamos com ele à cidade comer e beber.

Cumprido o protocolo junto da direcção do lar de estudantes, fizeram as imbambas e rumaram para a cidade onde fariam compras de algumas lembranças. Civingiro fica para a história. Dentro de uma semana, será a aldeia de Pedra Escrita a construir outras páginas em suas vidas. Pacientes: feridos, doentes de cólera, dermatológicos, crianças de barrigas fartas, todos pacientes. Eles também pacientes. Aguardavam-se uns aos outros. A notícia da formação dos dois enfermeiros gerais tinha chegado cedo à sede do município. Camas, medicamentos e lençóis chegaram 24 antes e, no dia do desembarque dos dois “mestres”, o administrador já os esperava para as boas-vindas, apresentar o material de trabalho, as guias de colocação e abrir o Posto.

Mangodinho aproveitou pedir ao camarada administrador comunal para deixar a função de coordenador do bairro e se dedicar exclusivamente ao Partido. Afinal, era ano eleitoral.

PAULO MULAZA | EDIÇÕES NOVEMBRO

**COMER EM CASA****Churrasco na Brasa****Ingredientes:**

- 1 galinha do campo;
- 3 tomates maduros;
- 1 cebola;
- óleo;
- 3 dentes de alho;
- 1 limão;
- sal qb;
- 1 kg de fuba;
- água qb;

Modo de preparar

Tempere a galinha com alho, sal e limão. Use apenas galinha cabiri ou do mato (galinha rija). Grelhe no carvão muito lentamente para ficar bem cozida por dentro e não queimar por fora. Faça o molho de tomate e cebola. Acompanhe com quiabo cozido e funje de bombó.

**Coentro com chispe****Ingredientes:**

- 300 g de chispe;
- 1 dl de azeite doce;
- 3 tomates maduros;
- 1 cebola;
- 1 ramo de coentros;

Modo de preparar

Tire o sal do chispe e coza-o muito bem. Num tacho refogue o tomate e a cebola picada no azeite. Misture o chispe, rectifique o sal e decore com coentros. Acompanhe com arroz branco.

**Funje de carne com dobrada****Ingredientes:**

- 1 kg de dobrada;
- 1 kg de carne;
- quiabo qb;
- tomate maduro qb;
- 1 cebola;
- 4 dentes de alho;
- óleo qb;
- jindungo;
- água qb;
- sal qb;

Modo de preparar

Limpe, tempere e ferva num recipiente a dobrada e reserve. À parte, tempere e coza a carne numa panela. Após a cozedura, misture com a dobrada o refogado de tomate, cebola no óleo e acrescente o quiabo. Coza tudo junto. Acompanhe com funji de milho ou de bombó.



MARIA AUGUSTA | EDIÇÕES NOVEMBRO



MARIA AUGUSTA | EDIÇÕES NOVEMBRO



MARIA AUGUSTA | EDIÇÕES NOVEMBRO

O restaurante depressa ganhou fama e proveito. Comprovados na clientela diária que frequentemente esgota os lugares, especialmente às sextas-feiras à noite, sábados, quando a cozinha angolana “faz as honras da casa”.

O Convés

Referência obrigatória da restauração da Ilha

“Náutico”. É assim que a generalidade dos clientes do “Convés” se refere ao restaurante instalado naquele clube de desportos náuticos. De cuja esplanada se pode ver parte do manso mar da baía

Luciano Rocha

Os nomes de baptismo, ou de registo, nem sempre correspondem àqueles pelos quais somos conhecidos, tal como as empresas que, não raro, se popularizam pelas designações que o povo lhes dá.

Todos conhecemos exemplos destes, tanto de pessoas, como de empresas. Neste último caso está “o restaurante do Náutico”, uma das referências da Ilha de Luanda. Que tem nome de registo - “Convés” - que muitos, incluindo clientes habituais, desconhecem. No mínimo, ao ouvi-lo, cerram os olhos em esforço visível de quem se quer lembrar.

Por esta razão, embora o título respeite a denominação oficial, no texto o restaurante é referido como “o Náutico”. Nome que ganhou do clube que o alberga, herdeiro do “Nuno Álvares”, igualmente colectividade, do tempo colonial, dedicada essencialmente aos desportos do mar, fundada em de 28 de Fevereiro de 1924.

O restaurante, surgido apenas em Agosto de 2005, depressa ganhou fama e

proveito. Comprovados na clientela diária que frequentemente esgota os 40 lugares da sala e os 140 da esplanada! Especialmente às sextas-feiras à noite, sábados, quando a cozinha angolana “faz as honras da casa”, e almoços de domingo.

A Ilha de Luanda resiste a crises de toda a espécie. Aguenta calembas de várias índole. Mas mantém referências. Na restauração, o Náutico é uma delas

A freguesia é heterogénea em termos etários. O êxito do “Náutico” deve-se essencialmente ao serviço de atendimento relativamente rápido, mesmo com casa cheia, e simpático. Em suma, profissional. Também à qualidade da comida. Igualmente diversificada, embora, como é lógico, à base do que vem do mar.

A localização do restaurante - a Ilha continua convidativa - e o facto de ser dos mais próximos de quem se

desloca de diferentes pontos do resto da cidade são, de certeza, outras razões para o êxito do “Náutico”.

O restaurante, mesmo privilegiando peixes e mariscos, não ignora as carnes. Representada sempre nos “pratos do dia”.

O arroz de cherne e o mesmo peixe grelhado - ambos a 5.800 kwanzas - lideram os “pedidos à carta”.

Ao fim-de-semana, o número de “pratos do dia” duplica, mas mantém a proporcionalidade de carnes e peixes. Ao sábado, a ementa inclui sabores da terra: funji de peixe, muamba de jinguba - a de azeite-palma, sabe-se lá porquê, não faz parte da lista! - mufete.

As entradas - queijo fresco, fatias de pão de trigo e milho, patés, chamuças, entre outras - têm preços entre 400 e 1.950 kwanzas.

A carta de vinhos, maioritariamente portuguesa, é vasta. E não é por aí que a comida não tem boa companhia. Dos tintos, o mais barato (6.000 kwanzas) é o alentejano “Caiado” e o mais caro (90.000), é o “Quinta do Vale Meão”, do Douro.

O “Cabriz” (7.000 kwanzas), do Dão, é o mais em

conta da lista dos brancos. No lugar oposto (19.000), está o “Principal”, da Bairrada.

A garrafa de água (de meio litro) custa 600 kwanzas, os sumos naturais (ananás, laranja, limão, maracujá, morango) entre 1.400 e 1.700.

Os preços das oito sobremesas diárias oscilam entre 1.600 e 2.000 kwanzas. O café custa 400. Nas aguardentes sobressaem a quase esquecida “1920” (2.200) e a “Ferreirinha”, 4.200. A lista dos uísques é igualmente apreciável. Referimos apenas os “James” (1.500) e “Blue Label” (9.900).

Os preços dos pratos - do dia e da outra ementa - variam entre 4.000 e 6.500 kwanzas. Se atendermos a todos os factores já mencionados não são caros, nem baratos. A clientela - maioritariamente constituída pela média burguesia nacional e estrangeira - sabe que, na zona em que se situa “o Náutico”, paga o que popularmente se chama “selo da Ilha”. Até porque, se optar pela esplanada, lhe é permitido observar uma nesga do mar calmo da baía. E somente não vê mais por “culpa” dos barcos de recreio estacionados mesmo em frente às traseiras do restaurante.



Localização

Avenida Murtala Mohamed (Clube Náutico)

Fundação Agosto de 2005

Telefone 922 488 918

Marcações sim



Horário das 12h00 às 24h00 (sem dia de encerramento)
matabicho: não
almoço: a partir das 12h00
jantar: qualquer hora depois do almoço

Pratos pedidos calulu e mufete



Lugares 40 pessoas (sala) e 140 (esplanada)
Espaço para fumadores sim



Multicaixa
Sim



Televisão
Sim

Serviço

(☹ = fraco, ☹☹ = regular, ☹☹☹ = bom)



Qualidade da comida

(X = fraca, XX = regular, XXX = boa)



Preço

(☹ = barato, ☹☹ = médio, ☹☹☹ = caro)



*CUIDAR BEM DOS COMBOIOS
É CUIDAR DE UM BEM QUE TAMBÉM É SEU.*



**NÃO DESTRUA O
QUE É DE TODOS!**
Cuide bem dos comboios.

O Caminho de Ferro de Luanda está a ser modernizado com novas estações, locomotivas mais rápidas e carruagens mais confortáveis. Actualmente, milhares de passageiros já utilizam o comboio para deslocar-se ao trabalho, visitar familiares ou divertir-se com os amigos. Infelizmente, actos de vandalismo estão a destruir este bem público, provocando avarias e sujeiras nas carruagens e também nas estações e via férrea. O comboio é o meio de transporte mais seguro, confortável e acessível a todas as camadas da população. Por isso, não destrua o que é de todos. Cuide bem dos comboios.

